

3

Explicações acerca do conteúdo de uma sala.

3

‘Como de hábito, a mesa fora posta no salão e não na sala de jantar. Era a peça maior da casa, mobiliada com certa pretensão antiquada. Os móveis, bastante antigos, em brancos, cobertos por um estofado vermelho, meio seda, meio algodão. Havia tremós de molduras pretensiosas, esculpidas à velha moda, igualmente brancas e douradas.’

Dostoievski, Os irmãos Karamazovi.

As salas sempre foram cenários para muitas de nossas imagens mentais. A arrumação dos móveis e dos objetos sempre foi abordada nas artes plásticas, literatura, cinema etc. Nas artes plásticas, por exemplo, temos obras de diversas épocas e autores que se utilizam do significado do arranjo de peças de uma sala de estar como cenário para suas mensagens. *

Bachelard fala sobre signos de objetos de uma sala que foram resgatados por escritores. Uma lâmpada que seria o signo de uma grande espreita⁶ ou da força passada por uma determinada cadeira ao se sentar o romancista⁷. Das salas era extraída uma gigantesca gama de significados e seus objetos passeiam até hoje por nosso imaginário, sejam lembranças ou sensações provenientes de uma forma direta de contato - quando assistimos a um filme ou folheamos uma revista - ou de forma indireta, quando lemos um poema, em cima de releituras e reinterpretções do nosso dia a dia. Assim, inventamos ou fornecemos significação às coisas do mundo, através de uma série de referenciais que acumulamos em nossa existência. A sala, mais do que portadora de um amontoado de objetos é um espaço de fruição referenciado no lar. E o que é isso que chamamos de lar? Não é apenas um abrigo das intempéries, mas um espaço de relações pessoais e íntimas⁸, não somente portadora de objetos de uso prático, mas de bens que são mais que partes visíveis da cultura, são “acessórios rituais”⁹ que fazem com que um espaço possa ser transformado em lugar.

Acreditamos que seria válida uma rápida reflexão em cima de um conceito que diferencia espaço de lugar discutido por alguns pensadores como forma de entender os significados de ambientes diversos, desde a sua expressão mais próxima, como uma sala, até os grandes espaços urbanos. Precisamente, a idéia de lugar diferencia-se da

⁶ BACHELARD, Gaston. A poética do espaço, 1993. p. 219.

⁷ Ibid. p. 217.

⁸ COELHO, Luiz Antonio. Tal objeto tal dono. In: Identidades: recortes multi e interdisciplinares, 2002. p.77.

⁹ DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens, 2004. p.112-114.

noção de espaço, posto que o segundo se define pela presença da experiência de proximidade. Lugar está relacionado com o processo fenomenológico da percepção e da experiência do mundo por parte do corpo humano. Possui um caráter concreto, empírico, existencial, articulado, definido até nos detalhes. De acordo com Montaner¹⁰, “nas últimas décadas, a idéia de lugar teve um peso específico muito variável e foi interpretada de diversas maneiras. Em pequena escala, o lugar é entendido como uma qualidade do espaço interior que se materializa na forma, textura, cor, luz natural, objetos e valores simbólicos [...]. Em grande escala, é interpretado como *genius loci*, como capacidade para fazer aflorar as preexistências ambientais, como objetos reunidos no lugar, como articulação das diversas peças urbanas (praça, rua, avenida). Isto é, como paisagem característica”. De uma ulterior, e mais profunda relação, entenderíamos o conceito de lugar, precisamente, como a correta relação entre a pequena escala do espaço interior e a grande escala da implantação. O espaço, por sua vez, tem uma condição ideal, teórica, genérica e indefinida. O Espaço moderno foi fundamentado em cima de medidas, posições e relações; quantitativo; abstrato, lógico, científico, matemático; uma construção mental. Ao contrário do espaço, o lugar é definido por substantivos, pelas qualidades das coisas e dos elementos, pelos valores simbólicos e históricos; é ambiental e está relacionado fenomenologicamente com o corpo humano. Ou seja, o espaço sala é matéria construída e sua habitação a potencializa lugar. De desejos, de sonhos, da história e do imaginário de quem a pensa.

Essa rápida digressão nos serve para pensar a maneira como os objetos em um ambiente podem obter significação no mundo contemporâneo, no impasse entre a pureza modernista e a mistura pós-moderna, entre o discurso tecnológico e a cultura tradicionalista, entre os valores de vanguarda e os valores de solidez. A sala quer ser a princípio, não um espaço, mas um “lugar”.

“Eu tenho uma amiga, que o apartamento dela tem uma sala enorme. Eu tenho a impressão que é uma sala proibida de se usar. É tudo colocado a dedo só para aquela função, está entendendo? Não foi colocado por que a pessoa gosta... Até os quadros foram colocados para dizer que os quadros são de fulano de tal, quero dizer, a gente parece que está dentro de uma sala morta, a gente está apenas entrando num local” (Entrevistada 17).

Os métodos atuais de construção são tão universalmente condicionados pelo progresso tecnológico que não se tem muitas brechas para escapar de uma

¹⁰ MONTANER, Josep Maria. A modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX, 2001. p.37.

formatação de uma planta-baixa de um edifício da categoria aqui estudada (ver p. 22). As salas são sempre quadrangulares, com dimensões parecidas umas das outras – área que varia entre 18 e 35m², uma porta de entrada, uma ou duas janelas quadrangulares, se comunica com uma sala de jantar, varanda ou cozinha. São entregues pelas construtoras com um piso frio (mármore, granito ou cerâmica), superfícies brancas niveladas (paredes e teto), enfim, com uma série de características, que chamaremos de elementos fixos, que por certo se tornam agravantes no fator diferenciação. Ao contrário, talvez, do movimento moderno e seu legado na arquitetura - onde a utilidade, a princípio, era considerada como única ou mais forte fonte de sentido - a decoração nunca aceitou um único viés de significação. Foi, e ainda é, uma forte ferramenta na caracterização individualizada do espaço diante dos apartamentos em série.

Além desta uniformização das plantas-baixas dos apartamentos, também carregamos em nossos referenciais modelos de uso e arrumação para uma sala de estar que poderíamos denominar como principais elementos variáveis. São eles: objetos para sentar [1] (poltronas, sofás, cadeiras, pufes, bancos); apoiar, guardar ou expor outros objetos [2] (estantes, prateleiras, armários); objetos de adorno [3] (enfeites, quadros, esculturas, etc.); forrações [4] (tapetes, papéis ou tecidos de parede e tintas); e luminárias [5] (ver figura 03).



Figura 03

A composição mais comum é de 1 sofá, duas poltronas, uma mesa de centro e mesa lateral, um móvel para TV (tendência atual principalmente em apartamentos pequenos) um tapete e objetos de adorno de maior ou menor quantidade. Esta composição derivou de arranjos de tempos passados, mas no dias atuais foi tomada como uma espécie de lei fomentada pelo Modernismo e amplamente disseminada pelos profissionais da área e agências midiáticas. No exemplo abaixo, segue uma resposta dada

por uma das pessoas entrevistadas para esta pesquisa, que estava insatisfeita com o conforto oferecido por seu sofá, diante da sugestão de substituí-lo por um colchão alto ou uma cama:

“Por que não podemos botar cama na sala, tem que ser sofá?” (entrevistador);

“Porque alguém disse que tinha que ter! (muitos risos). Porque todo mundo pensa assim e eu acabei indo pelas regras. Então a minha preocupação é os outros, se alguém entrasse aqui e visse o colchão ia pensar: nossa ela é desleixada, ela não tem nem um sofá!” (Entrevistada 10)

Isso reproduz um dos tantos dogmas Modernistas, onde *“cada elemento fora do lugar constitui um insuportável distúrbio visual”*¹¹.

O argumento para estudar o arranjo da sala de estar se deu pela importância de verificar como se constrói o significado geral e o significado das partes integrantes desse ambiente. Não um sofá isolado do significado geral, não um objeto de adorno analisado em uma loja, mas a relação das partes com outras partes e com o todo. O todo e seu usuário. O conjunto.

Um alargamento sobre o objetivo a cumprir surgiu do conhecimento de um pequeno artigo de Ulrich Becker¹² que será frequentemente citado nesta dissertação. No momento que ele sugeriu uma classificação a partir de critérios de valores e estilos de vida, surgiu como objetivo da pesquisa saber que indícios materiais eram proeminentes nos estilos de vida mencionados por ele.

Becker, em sua pesquisa feita na Alemanha na década de 80, onde analisava o *“mundo do lar”*, os apartamentos*, concluiu que existiam oito categorias de ambientes relacionados a critérios de valores específicos de cada grupo de usuários. Eram eles: perfil hedonista, perfil alternativo, pequeno burguês ou classe média, tecnocrata liberal, sofisticado conservador, emergente social, classe proletária tradicional e colarinho azul ou proletária sem tradição¹³. É difícil, principalmente para os estudiosos de sociologia, concordar que essa idéia apresentada sugere certo grau de formatação do ser humano no modo de morar. O próprio autor, se por um lado classifica somente 8 categorias, por outro, conclui em suas pesquisas, que são variedades de estilos refletindo a grande diversidade de necessidades estéticas. Apesar de não sugerir uma formatação ele afirma que *“a inundação de produtos de massa uniformes não é aceita sem a resistência do*

*Resumidamente, essa pesquisa foi iniciada em 1979, a partir da análise de interiores de apartamentos da Alemanha, com o objetivo de observar e analisar mudanças de valores de uma sociedade e fenômenos diversos resultantes dessas mudanças. A estrutura e categorias acima citadas foram criadas com base em aproximadamente 26 mil entrevistas e cerca de 10mil fotos conduzidas de janeiro a junho de 1985, com posteriores estreitamentos para aprofundamento da pesquisa.

¹¹ PORTOGHESI, Paolo. Depois da arquitetura moderna, 2002. p.37.

¹² BECKER, Ulrich. Who “Makes” the New Values? Changes in Values and Styles and Everyday Esthetics. D&I, número 20.

¹³ Id.,. Loc. Cit.

consumidor, mas antes o encoraja a revoltar-se, a resistir”¹⁴. Resistir a quê senão à formatação imposta pela globalização perversa e a indústria de massa? Sabemos que o ser humano, ser biológico, em sua maioria, por mais complexo que seja, possui necessidades relativamente limitadas¹⁵, desde as necessidades básicas até as necessidades subjetivas: comer, vestir, descobrir, fruir, etc. E assim, sempre tivemos alguns, e ao contrário não tão diversificados, estilos de composição de uma sala de estar. Mas é evidente que mesmo que biologicamente possuamos necessidades finitas¹⁶, queremos nos diferenciar para além de 8 categorias como ele aponta.

Não é difícil, se pensarmos em nosso entorno que, se por um lado essa conjectura da formatação não transita de forma tranqüila pela psicologia ou sociologia, é claramente evidenciada pelo uso deste conceito na propaganda que confirmam que tais objetos que compõem as salas de estar são os mesmos em representação. Os mesmos produtos de espécies deferentes. Assim, em concordância com Becker¹⁷, na sua crença de resistência* à globalização, é papel do design criar as espécies diferentes para objetos ditos de mesma função prática, mas que atendam à demanda da diversificação que creio estar sujeita, apesar da resistência, a uma formatação.

* Cultura de resistência é um termo também utilizado por Keneth Frampton, outro teórico referencial para esta dissertação.

Eu gosto de coisas diferentes. [...] o tapete é maior do que eu costumava ver... Bonito, claro... Eu nunca tinha visto aqui um pêlo de boi assim claro. Agora está tendo é uma moda...” (Entrevistada 11)

Uma das conclusões de Becker¹⁸, é que as pessoas têm em suas mentes motivos estéticos gerados por necessidades ligadas a todo um referencial ou repertório de um indivíduo, e não idéias concretas de princípios estéticos normativos como aqueles estabelecidos pelos Modernistas. Sejam objetos que recebemos como herança ou adquirimos no momento de elaboração deste espaço. Mas como nos comportamos com referenciais tão massificados pela mídia? Hoje, a principal necessidade do indivíduo é a de encontrar sua identidade, expressão particular, expressão de um grupo, ou expressão de uma nação, que se não for cuidada, se perde no efeito destruidor de um lado, o ruim, da globalização.

¹⁴ BECKER, Ulrich. Estética do Cotidiano. D&I. Ano 5. no. 26.,1991. p. 100.

¹⁵ LORENZ, Konrad. Os oito pecados mortais do homem civilizado. 1988.

¹⁶ SOMMER, Robert. Espaço pessoal. As bases comportamentais de projetos e planejamentos, 1973.

¹⁷ BECKER, Ulrich . Estética do Cotidiano. D&I. Ano 5. no. 26., 1991.

¹⁸ BECKER, Ulrich, op. cit.

‘Os artigos ou formas de consumo a que o consumidor se apega com maior tenacidade são geralmente os considerados como necessidades vitais, ou o mínimo necessário à subsistência. Esse mínimo não é naturalmente uma reação de bens rigidamente estabelecida, definitiva e invariável, tanto na espécie como na quantidade; porém, para a finalidade em vista, poder-se-á admitir que abrange um certo agregado mais ou menos fixo de bens de consumo, necessários à manutenção da vida. Pode-se acreditar que geralmente é esse mínimo que se abandona em último lugar quando de uma limitação progressiva dos gastos. Em outras palavras, e de modo geral, poder-se-á dizer que os hábitos mais antigos e arraigados que governam a vida do indivíduo - aqueles que afetam a sua existência como um organismo - são os mais persistentes e imperiosos’ (Veblen)¹⁹.

¹⁹ VEBLEN, Thorstein. A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições, 1988. p.51.